**O CINEMA NO ÂMBITO ESCOLAR-GEOGRÁFICO**

**José Arilson Xavier de Souza**

Professor Substituto do Curso de Geografia da UFT (Porto Nacional-TO); Mestre em Geografia-UFC.

**Luzirene Vituriano de Lima**

Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará; Pós-graduada em Metodologia do Ensino de História e Geografia.

**Lenilton Francisco de Assis**

Doutor em Geografia Humana pela USP, professor do curso de Geografia da UVA.

**LUZ, CÂMERA, AÇÃO**

Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre o uso do Cinema[1] no âmbito escolar. Sob a tentativa de tornar o ensino mais dinâmico e atraente, as políticas educacionais e os segmentos escolares parecem abrir cada vez mais espaços para a inserção de novos mecanismos didáticos. Todavia, é certo que a escola brasileira e seus professores ainda precisam evoluir e superar concepções equivocadas sobre o caráter pedagógico da “sétima arte”[2].

Mediante sua potencialidade de influenciar a sociedade pelos efeitos audiovisuais que buscam o entretenimento e a crítica, *o Cinema pode ensinar para a vida*, traduzindo uma riqueza pedagógica a ser explorada por diversas disciplinas escolares. Não fugindo a regra, no que toca à Geografia, reconhecemos o Cinema como uma ferramenta que muito tem a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem espacial de professores e alunos. A sua *tela* *mágica* proporciona *viagens*, para além da lousa e do livro didático, que facilitam o conhecimento do mundo pelo estudante.

Portanto, o presente texto defende o uso do Cinema pela escola e, em especial, no ensino de Geografia. Para tanto, realiza, de início, uma breve problematização da necessidade que a escola tem de se adequar para um uso plural de novas tecnologias, inserindo em seus “espaços de ensino” diversos gêneros textuais. Além de sua abordagem didática, o Cinema é reconhecido como um recurso de teor pedagógico, capaz de contribuir para a formação de um corpo discente crítico e reflexivo. E assim, nesta trama, o Cinema é visto como um aporte ao ensino de Geografia, ao passo que abre discussões de direto interesse geográfico, transitando entre o cotidiano e eventos longínquos. Somada à parte teórico-conceitual, ao final, uma proposta de ensino-aprendizagem é construída a partir do curta-metragem *Vida Maria*.

**O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS E GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA**

Em um século marcado pela intensidade dos movimentos humanos, cada vez mais geridos pela técnica, ciência e informação, subjugados por trocas econômicas aceleradas, cresce a necessidade de a escola inserir em seu âmbito instrumentos que contribuam para um ensino condizente com os dias atuais. Não é mais possível fazer um ensino baseado em didáticas estanques e desprezar a crítica ao modelo de sociedade que quanto mais avança na modernidade do capitalismo, mais aumenta também o número de excluídos das suas benesses.

Assim, a atual conjuntura social exige das escolas uma mudança ampla e concreta do fazer pedagógico, haja vista que esta assume, em alguns casos, o papel de fonte primária de integração social, tendo que amenizar a fragmentação da própria sociedade e consequentemente da família. Em meio a esse cenário, as novas tecnologias e os gêneros textuais (música, teatro, poesia, cinema etc.) podem proporcionar outros olhares sobre o mundo social, bancando ressignificações no plano pedagógico da escola, onde a aprendizagem ganha múltiplas facetas[3] e a sociedade, como a própria escola, tem que ser examinada também pelas suas possibilidades de erros e cegueiras (MORIN, 2000), que tanto dificultam o caminhar rumo à utópica justiça social.

Refletindo em parte as culturas dos alunos, as novas tecnologias e os gêneros textuais assumem um uso flexível no domínio escolar, corroborando para estreitar laços de interação e integração entre métodos e conhecimentos (SANCHO, 2006). Como já possuem uma pré-disposição de aceitação por partes dos alunos, cabe ao professor consolidar aprendizagens significantes, tomando o cuidado de criar mecanismos que possibilitem o aproveitamento pela educação e evitando o uso indiscriminado das tecnologias por elas mesmas. As novas tecnologias e os gêneros textuais devem ser pensados enquanto didáticas em paralelo a um plano de ensino que valorize procedimentos e atitudes de valor humano.

Torna-se preciso incomodar os alunos com a problematização de acontecimentos sociais. Sem isso, a escola perde o seu caráter fundador e de lócus de sistematização e reflexão da realidade. Neste sentido, a educação escolar brasileira, mesmo com a evolução conseguida nos últimos anos, carece ainda de avanços em suas propostas e práticas. Fugindo das formas tradicionais de ensino, no intuito de provocar interesses e impulsionar atividades construtivas, os currículos precisam fazer ligação direta com o cotidiano dos alunos, falando de realidades e mantendo aberturas para se discutir temas variados.

Sofrendo adaptações relativas ao momento vivido, a escola precisa fazer uso de recursos didáticos que possam ser instrumentalizados por uma diversificação da prática, dentro ou fora da sala de aula, filtrando e analisando as informações que chegam ao aluno via outros meios de comunicação, comprometendo-se a realizar reflexões teóricas e bem embasadas frente aos fenômenos estudados (SILVA, 2007). Um perfil de aluno crítico, capaz de “ler” e refletir sobre o seu espaço de vivência, deve ser buscado pelos professores que, para tanto, devem fazer uso de diversos gêneros textuais, em especial, do Cinema, como indica Thiel e Thiel (2009, p. 12):

Entre os diversos gêneros textuais a serem explorados em sala de aula, merece atenção o filme (e sua linguagem característica), visto que, embora esteja incorporado à vida cotidiana e às referências culturais da atualidade, é ainda uma terra incógnita para grande parte dos espectadores, pelo fato de que seus mecanismos e as estratégias apropriadas à sua leitura ainda são pouco conhecidos por parte da maioria dos espectadores. Nesse sentido, o professor pode explorar tais mecanismos e estratégias, para que os filmes não sejam somente apreciados como entretenimento, mas também como objeto de leitura no contexto educacional.

Para além da diversão, o Cinema também desenvolve valores educativos, ganhando representatividade como uma legítima ferramenta pedagógica e didática.

**TEOR PEDAGÓGICO E DIDÁTICO DO CINEMA**

Obra de arte relevante dos tempos modernos, o Cinema representa também um instrumento didático, fonte de conhecimento, importante ao processo de realinhamento que a escola tem que fazer diante do momento sociocultural vivenciado, no qual as estruturas tradicionais de ensino devem ceder cada vez mais espaço para formas inovadoras de lecionar e conduzir orientações.

Pondo em relevo um pensar filosófico ligado à arte, o Cinema cumpre um papel perceptivo singular na descoberta e conhecimento de povos e culturas – aqui é compreendido como uma imitação sensível, embora limitada, da realidade. No que se refere ao desencadeamento de aprendizagens, em seu livro “Convite à Filosofia”, Marilena Chauí (2001) chama a atenção de que o Cinema tem um poder extraordinário de tornar presente o ausente, próximo o distante, distante o próximo, gerando o entrecruzamento de realidades e irrealidades, verdades e fantasias, reflexões e devaneios. Fica, assim, destacada a relação imaginária que os filmes permitem.

Comungando com o que foi dito, percebemos que o Cinema tem a capacidade de nos *transportar* para outros espaços, tempos e culturas. Momentos esses de imersão nas realidades alheias que podem representar significativas aquisições em termos de conhecimentos. O Cinema é, pois, uma arte produzida para instigar a imaginação humana. Reportando-os para sala de aula, os filmes oferecem subsídios explícitos e implícitos para trabalhar inúmeros conteúdos, estimulam debates e permitem ampliar a percepção da turma sobre um determinado assunto (REVISTA NOVA ESCOLA, 2010), podendo facilitar o poder de interpretação que o ser humano pode ter do mundo, funcionando como um canal de melhoria da crítica dos alunos – competência primaz para se alcançar um bom desenvolvimento pessoal e profissional nos dias de hoje.

Repleto de linguagens, o Cinema assume, nos dias atuais, o papel de diferenciados discursos (CABRERA, 2006). Esses, no entanto, são concebidos por interesses políticos, econômicos, culturais, religiosos etc., e, por isso mesmo, precisam ser decodificados, estudados e discutidos. A inovação e a constante renovação tecnológica têm contribuído incessantemente para que o filme (de todos os gêneros) se torne um material de fácil acesso. Em meio a esse panorama, a escola tem a importância de se apropriar dos discursos cabíveis à educação e trabalhá-los em sala de aula, contribuindo para a interpretação formal dos conhecimentos sociais. Acreditamos, portanto, que o filme reportado em desígnios bem fundamentados dentro da escola terá um maior aproveitamento cultural e pedagógico do que se reproduzido em casa, haja vista a sociabilidade da crítica atrelada e debatida entre educadores e educandos.

Um dos grandes desafios da escola atual, acompanhando as transformações sociais e culturais do cotidiano que por demais reserva uma complexidade de relações e consequentes exigências, trata-se do princípio da interdisciplinaridade. Fazer a comunicação entre as disciplinas escolares não é mesmo algo fácil, só conseguido com riscos e maturações. Para tanto, “a sétima arte” é apontada pela sua capacidade de proporcionar uma ligação entre os diversos saberes trabalhados na escola, cabendo aos professores enxergar e descobrir as aludidas ligações. Os projetos escolares se configuram como mecanismos destacáveis neste tipo de processo e investigação.

No Brasil, diferente de alguns países desenvolvidos, o Cinema faz parte timidamente das atividades escolares. Ainda assim, provoca muitas críticas e reflexões, haja vista que as formas de uso, muitas vezes, não condizem com as potencialidades pedagógicas que este possui. Dada à atração que exerce, ressalta-se que o filme pode, em determinados contextos, ensinar mais do que uma exposição de conteúdo feita pelo professor, que neste tipo de trabalho deve funcionar como mediador da aprendizagem, provocando os debates e as reflexões decorrentes.

Mesmo com todos os entraves, cresce o número de propostas escolares que adotam o Cinema enquanto meio de ensino. Entretanto, a preocupação maior recai sobre o uso inadequado do filmena sala de aula*.* De forma equivocada e desinteressada, algo que é transmissível, este pode ser visto como uma espécie de “tapa-buraco” para prender os alunos em sala. Não raro, vemos, escutamos ou mesmo já fizemos uma prática assim. Por isso, defendemos aqui uma reconstrução do pensar pedagógico e metodológico do Cinema.

Não é demais lembrar que a autonomia e a criatividade dos professores devem ser respeitadas na realização do trabalho com o Cinema, requerendo principalmente esforços reflexivos quanto à exploração pedagógica do filme (NAPOLITANO, 2005). Só passar um filme é “enrolar aula”. Despreza-se sua áurea pedagógica. Durante o filme, o conteúdo deve surgir implícita ou explicitamente durante a reprodução das sucessões das imagens. E o professor tem o papel de instigar estas descobertas nos alunos, no intuito de que estes construam com o filme um “campo de sentido”, como indica Madureira (apud SILVA, 2007, 51):

De repente, porém, algo me chama a atenção. Talvez uma cena, talvez uma palavra, talvez uma frase musical... e resolvo entrar no mundo da obra, abro-me ao apelo que ela me lançou, acolho ativamente as possibilidades que este mundo me oferece, e começo a acompanhar com atenção o ritmo e os diálogos do filme. (...) inserido no dinamismo transbordante da obra, instaura-se um âmbito de realidade que me entusiasma e o entusiasmo transfigura meu olhar, o meu rosto, a minha voz, os meus gestos. Percebo-me atraído, conquistado pela realidade artística. O meu ser inteiro experimenta uma elevação consciente a um nível de criatividade inesperado. Sinto-me em consonância com os personagens do filme, identifico-me com eles, construo com a imaginação uma ou outra vez a ação que se descreve. (...) Neste momento estou recriando a obra de arte e fundando com ela um campo de sentido.

Quando nos deixamos envolver pelas provocações da tela, apreendemos com a arte outras realidades. Ocorre um processo de causa e efeito sobre nossas percepções de mundo.

Por isso mesmo, afirmamos que muitos questionamentos podem ser desdobrados a partir de um filme, reforçando nossa hipótese central:*o Cinema, enquanto meio e reflexo artístico-sociocultural que transmite conhecimentos diversos, emprestando e instigando sentidos à imaginação, tem o poder pedagógico de ensinar o aluno a lidar com a sua complexa teia de relações vivenciais.*

Neste sentido, discutiremos a seguir como as aulas de Geografia podem se valer dos aportes didático e pedagógico do cinema.

**GEOGRAFIA E ENSINO: APORTES DO CINEMA**

Ao lado das obras didáticas ou enciclopédias que chamam a atenção, a geografia está presente nas práticas, nas habilidades, nos conhecimentos que todos sempre mobilizamos em nossa vida diária (CLAVAL, 2010, p.8).

Em a*Terra dos homens: a geografia,* Paul Claval (2010) nos convida para reexaminarmos o conceito que temos de Geografia, expondo esta como um campo de difícil definição dada a sua complexidade, acrescida pelo evoluir dos progressos técnicos e pelas descobertas de novas possibilidades dentro da própria ciência. Colocando-a como “um saber banal, ao alcance de todo mundo”, expressa de modo singular ao geógrafo a tarefa de explicar os elementos e relações que fazem do planeta um organismo humano.

Práticas, habilidades e conhecimentos, sempre ligados à questão espacial, são palavras-chave apontadas pelo autor francês que podem ajudar no entendimento do que seja a Geografia – no sentido *lato* do termo. Não obstante, todas as palavras já ditas e escritas jamais a definiram por inteiro. Isso porque a Geografia segue o ritmo da realidade e muda conforme esta. Deste feito, na tentativa de uma aproximação maior de tal entendimento, devemos considerar que diversas linguagens e gêneros textuais podem ser aproveitados pelos geógrafos. Sua ambição de análise vai além da verbalização – os estudos de história de formação do pensamento geográfico denunciam isto quando a paisagem cultural foi (e ainda é) analisada com base no “olhar”. Mais do que nunca, o olhar necessita ser plural (olhares), cada vez mais preciso tecnologicamente.

Em vistas destas tentativas plurais de olhar as geografias, tecemos assim, uma aproximação da Geografia com o Cinema, veículo possuidor de uma forma peculiar de olhar – que é arte, cultura e representação da realidade. Entretanto, lembramos novamente que embora o filme propicie leituras da realidade concreta, este se trata de imagem, não é o real. Com efeito, segundo Neves e Ferraz (2007, p. 77), é nesse encontro entre realidade e representação da imagem cinematográfica, na interação das imagens projetadas a partir das experiências do sujeito que entra em contato com a obra, que uma leitura geográfica se instaura.

Com a capacidade de produzir as representações fotográficas do espaço real, o cinema pode abranger tanto o quadro natural, como o espaço construído, assim como cobrir as experiências vividas da população, inclusive as suas práticas do imaginário e do simbólico. Ele o faz, quer na forma de documentário, quer na forma de ficção. São estes os fatos que fazem dizer do cinema, que é como se ele possuísse um movimento que o faz *“sair dos limites do campo* *da Arte, como se passasse a explicar”*, expressão de Michael Fried e citada por Steven Connor (Connor, 1996,127). Como se saísse do *‘seu eu-em-si-mesmo essencial’*, expressão de Heidegger (Heidegger, 1966). Resulta em estabelecerem relações específicas entre esta área do campo da arte e as áreas do campo da ciência social, com a área da Geografia, em particular (GEIGER, 2004, p. 12).

Traduzindo espacialidades que encantam, assombram, alegram e entristecem, o Cinema também pode ser identificado como um recurso a ser usado nas aulas de Geografia, como mais um mecanismo didático e pedagógico, já que só os relatos verbais não bastam ao professor desta disciplina. Destaca-se, assim, que “embora os filmes não sejam referenciais a uma realidade além deles próprios, são claramente intertextuais no sentido de incorporarem outros textos culturais” (AINTKEN; ZONN, 2009, p. 25). Na verdade, os filmes trazem pra si outras linguagens da arte de representação do mundo, denotando o seu poder instrumental e receptivo.

As possibilidades de um filme se tornam ainda mais ricas no ensino de Geografia quando se considera que não só o professor pode ensinar. O aluno, atento aos espaços representados pelo filme, pode colaborar com sua turma e com o professor, corroborando para um ensino descentralizador. Também é verdade que, conhecendo a multiplicidade de lugares, paisagens, territórios e regiões, a partir de um linguajar artístico (cinemático), o aluno poderá construir, com a orientação devida, uma participação mais incisiva dentro da sua realidade espacial. Isso é Geografia cidadã!

A geografia escolar (será que existe mais de uma geografia?), mais do que nunca, deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade e com suas múltiplas aproximações: eles devem saber operar o espaço! Tal postura procura dar conta da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos, agentes responsáveis pelas (trans)formações. Com isso, parece ficar mais fácil para o sujeito reconhecer as contradições e os conflitos sociais e avaliar constantemente as formas de apropriação e de organização estabelecidas pelos grupos sociais e, quando desejar, buscar mecanismos de intervenção (CASTROGIOVANNI, 2007, p.43).

Por sua amplitude temática e variações, o Cinema pode contribuir com o ensino de Geografia na construção de valores e desconstrução de pensamentos descontextualizados da realidade. No entanto, seguindo uma lógica maior, o professor de Geografia também ainda padece de uma preparação mais apurada para lidar com o uso do Cinema na sua sala de aula. Responsável por viabilizar conhecimentos entre espaços e pessoas, este profissional deve saber lê os filmes por suas óticas política, social, econômica e cultural, destacando suas condições de produção e finalidades. Conhecer a linguagem cinematográfica, mesmo que não integralmente, é relevante. Afinal, “a maneira como são utilizados os espaços e como são retratados pelos lugares no cinema reflete normas culturais, costumes morais, estruturas sociais e ideologias preponderantes” (AINTKEN; ZONN, 2009, p. 19). Constitui-se ainda que os reflexos de um filme possam contribuir para moldar percepções e experiências acerca de sociedades e grupos culturais e seus respectivos ambientes.

Como Geografia é prática, habilidade e conhecimento, o professor deve assegurar aos alunos momentos de trocas e diálogos. Todos possuem uma “geografia prévia” em suas imaginações e estes estímulos precisam ser capturados e colocados à disposição da reprodução construtiva dos saberes. A ideia é que os alunos organizem e apresentem seus pensamentos. A ideia é instigar as reflexões espaciais a partir das “espacialidades do filme” – os jovens gostam muito de descrever imagens; isso já é um bom começo. Depois o professor pode ir fazendo inserções temáticas mais caras, não se bastando somente nos conteúdos geográficos sob a pena de empobrecer as análises (HISSA, 2002).

Não obstante seja crescente o uso de recursos audiovisuais pela Geografia, é fraca a relação entre ensino de Geografia e Cinema (BARBOSA, 2009), fato que melhorou com os avanços dos estudos da Geografia Cultural nos últimos anos, que bem adotaram “significado” como padrão de análise[4], restando mesmo assim uma lacuna que precisa ser pensada pelo professor.

Entendido como artefato cultural, o cinema afigura-se como objeto passível de proporcionar um vasto campo de análise em geografia humana. Redimensionado enquanto forma cultural, o cinema, nas suas mais variadas expressões, ajuda a compreender o papel da memória e dos diferentes imaginários geográficos na criação de imagens de lugar e na construção das paisagens culturais. Veiculando significados sobre lugares e sobre a relação dos indivíduos com os lugares, cinema vê-se reconfigurado como campo de análise, proporcionando a compreensão de como os indivíduos percebem e representam o espaço, das relações emotivas que associam as pessoas aos lugares, dos valores, da moral, da ideologia e da ética que subjaz da construção do espaço em cada período e em cada contexto sociocultural (AZEVEDO, 2009, p.101).

Nota-se então a potencialidade humana e multicultural do Cinema, instrumento de conhecimentos de nossas e outras paragens, de nossas e outras culturas, permissivo ao encontro por espaços aonde desconhecidos surgirão, mas também “Josés” e “Marias”[5], comuns a lugares do nosso cotidiano.

**UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM [GEOGRÁFICA E CIDADÃ] CONSTRUÍDA A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”**

São vastas as possibilidades de uso do Cinema na sala de aula de Geografia. Muitos caminhos podem ser planejados. Inserções e complementos com outros instrumentos e gêneros textuais contam significativamente para enriquecer tal empreitada. A depender das realidades, diversos temas geográficos podem ser tratados. Somado a tudo isso, as ideias e discussões desdobradas pelos alunos podem levar a análises e direções que o professor não havia pensado.

Um dos grandes desafios para tornar mais frequente o trabalho com o Cinema nas escolas é o tempo de duração das películas. Geralmente, este ultrapassa o tempo de aula de uma disciplina. Porém, este aludido empecilho, torna-se hoje um estímulo para a formulação de sessões interdisciplinares que podem, inclusive, tornar o debate mais rico.

O tempo e o gênero do filme podem variar com a idade e o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos, devendo sempre ser uma escolha bem fundamentada nos objetivos de aula traçados pelo professor. Optar por películas mais curtas e animadas, a princípio, é o encaminhamento mais comum que hoje se torna ainda mais usual com as facilidades proporcionadas pela internet para a pesquisa e o *download* de variadosfilmes, sejam do tipo *hollywoodianos*, sejas documentários independentes, curtas ou longas-metragens.

Portanto, cumpre salientar que os direcionamentos aqui desenrolados, no que toca aos aspectos didático, pedagógico e metodológico, constituem tão somente uma proposição de trabalho ao professor, respeitando sua criatividade e autonomia docente. Obviamente, adaptações podem e devem ser feitas de forma contextualizada com os objetivos e a realidade da turma trabalhada.

Desse modo, antes do analisarmos o filme proposto, com base no *Programa Cine-Educação* da Cinemateca Brasileira (2010), reproduzimos abaixo alguns procedimentos metodológicos para o planejamento e o trabalho com filmes no âmbito escolar:

1ª Etapa: Seleção prévia dos filmes

* Análise de sinopses e informações relevantes às produções fílmicas;
* Uso de critérios pedagógicos no sentido de examinar a adequação escolar.

2ª Etapa: Estudo do filme

* Assistir o filme a fim de analisar as suas potencialidades pedagógicas;
* Ensaiar ligações diretas e indiretas com os conteúdos pretendidos.

3ª Etapa: Preparação dos alunos

* Despertar interesses prévios, forjando a ligação entre os conteúdos e o filme;
* Orientações gerais para análises visando o momento de reprodução do filme.

4ª Etapa: Sessão de Cinema

* Imitação da experiência sociocultural de “ir ao cinema”, destacando a atenção;
* Reprodução e apreciação supervisionada do filme.

5ª Etapa: Atividades após a sessão

* Desenvolvimento de exercícios disciplinares e interdisciplinares;
* Socialização crítica das aprendizagens entre professor(es) e alunos.

6ª Etapa: Encontro(s) para debates sobre as retóricas do filme

* Problematização de temas cotidianos do aluno;
* Instigar reflexões diversas (sociais, econômicas, ambientais, culturais etc.);
* Exposição das diferentes percepções sobre os temas tratados;
* Sintetização das aprendizagens a partir da troca de experiências;
* Aplicação de entrevistas-questionários a fim de apurar ganhos e correções.

Já nos referindo à proposição de trabalho com o curta-metragem *Vida Maria*, destacamos que esta experiência de uso foi objetivada junto às atividades da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Monsenhor Expedito da Silveira de Sousa (Camocim-CE), através do Projeto de aprendizagem escolar “*Filosofia, Café & Cinema*”[6], o qual adotou a Filosofia como um conhecimento interdisciplinar, possibilitando, assim, o diálogo com a Geografia. Neste ensejo, o curta-metragem *Vida Maria* (**Figura 1**) foi explorado para compor nossa proposta de ensino-aprendizagem [geográfica e cidadã].



**Figura 1:** Cenas do curta-metragem *Vida Maria.*

Como compete ao bom planejamento, buscamos inicialmente conhecer os dados cinematográficos e a sinopse do curta em destaque, como segue:

Dados Cinematográficos e Sinopse do Curta-metragem Vida Maria

Categoria: Curta-metragem de animação gráfica em 3D

Ano de criação: 2006

Diretor: Márcio Ramos

Prêmios: Diversos. Destaque ao reconhecimento da UNICEF (no que toca ao direito da criança)

Adicional: Curta realizado com recursos do edital “3º. PRÊMIO CEARÁ DE CINEMA E VÍDEO”, realizado pelo Governo do Estado do Ceará. Consagrou-se nos festivais de cinema e em 2007 encerrou o ano como um dos filmes mais premiados do Brasil.

Retratação simbólica: Sertão nordestino

Conta a história de vida de várias Marias, com destaque a Maria José...

Maria José é uma menina de 5 anos que gosta de escrever, porém, o dia-a-dia no sítio onde mora não permite que se dedique aos estudos, pois precisa ajudar a mãe nos trabalhos domésticos. Enredada em suas atividades diárias, o tempo passa e a vemos num átimo, com 45 anos, já casada e mãe.

O filme tem por objetivo mostrar o cotidiano de 3 gerações de mulheres nordestinas, seus sonhos e suas frustrações. Torna perceptível que se não tomarmos as rédeas de nossa vida e tivermos a iniciativa de canalizar nossas ações para realizar sonhos, nos deixaremos complicar pelas dificuldades e, consequentemente, a vida passará, como a infância, adolescência e maturidade das nossas personagens “Marias”.

*Fonte:* [*http://filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=667*](http://filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=667)

*Portal Dia-a-dia Educação. Acesso 27/04/2011.*

Sob a janela de sua casa, que não é mais do que seu *lugar*, não se importando com o cenário árido da *paisagem* lá fora, esta que ajuda a definir as características de sua *região*, *espaço* de uma multiplicidade de culturas e *territórios*, uma menina, que com o olhar apaixonado parece deixar fluir sua imaginação ao mesmo tempo em que escreve seu nome num caderno, é interrompida por uma voz e uma face grosseira e castigada pelo tempo de trabalho e poucos momentos de lazer e cultura – trata-se de sua mãe, que reproduz um ciclo familiar de negação aos estudos para os filhos. Voz e face que foram determinadas não pelas intempéries do terreno onde estão instaladas e, sim, por um modelo de sociedade que exclui e deixa grupos à margem do progresso. A educação, como uma das alternativas de saída de uma espécie de caos e abandono sociocultural, é lançada enquanto perca de tempo.

Por este quadro se desenrola a “animação” *Vida Maria*. A vida de várias “Marias”, representada pela protagonista Maria José. Quando, no entanto, este quadro é associado com a realidade perde em animação e ganha em dramaticidade. O tempo passa e com ele vão-se os sonhos e esperanças e outra geografia é configurada em termos imaginários, muitas vezes inconscientemente. Prende-se ao lugar. Nega-se a civilização. Um futuro promissor é tomado de assalto. A população perde em cidadania e, o pior, não tem bases de argumentação para reivindicar seus direitos, impossibilitando até mesmo de refletir a causalidade do fenômeno do qual faz parte.

Assim, na tentativa de fazer uma análise mais apurada do filme *Vida Maria*, além das preocupações geográficas, enxergamos, nas entrelinhas, discussões sociológicas e filosóficas que não podem ficar de fora da análise. Desta forma, temas como cultura, educação e políticatambém podem ser trabalhados, dentre outros. Estes se encontram entrelaçados no enredo e compõem uma contextura na configuração da realidade socioespacial representada. Sem querer gerar qualquer tipo de receita metodológica, na verdade sugerimos determinados assuntos e temas, elucidando alguns elementos conceituais de suma importância, como segue:

*Sobre a Geografia*:

O quadro geográfico do filme faz uma retratação simbólica do Nordeste brasileiro, contudo, vale antes destacar que só de parte dele. O Nordeste, assim como outras regiões, precisa ser conhecido em suas diversidades de espaços – atrasados socialmente, mas também muito modernos e refletindo o processo de globalização em seu estágio maior. Não podemos manter em nossos imaginários visões estereotipadas das pessoas e dos lugares.

É verdade que o Nordeste ainda sofre com problemas graves (concentrações de terras nas mãos de poucos e consequentemente concentração de riquezas) que barram as possibilidades de um desenvolvimento mais próximo do sustentável, o que em conjunto com a seca expulsa o sertanejo de seu chão. Por não conseguirem enxergar em seus territórios chances de melhoria de vida ou até mesmo de sobrevivência, a migração que muitas famílias fazem para as cidades grandes, fazendo gerar problemas sociais danosos (violência, prostituição, marginalização etc.) em algumas vezes, pode ser focada enquanto tema a ser discutido.

Pode ser debatido até que ponto o sertão “determina” o modo de vida das pessoas e as castigam para uma vida sem grandes realizações. Neste ensejo, a falta de urbanização pode ser apontada como um limitador espacial. Os modos de vida traçados por uma “ruralidade áspera” é outro assunto que pode ser colocado em voga. Destaca-se que muitos meios de convivência com o semiárido estão sendo testados e vêm dando certo, ou seja, o sertão também oportuniza possibilidades ao homem de tratá-lo. A seca, por sua vez, foi um argumento fundamental para definir o recorte regional Nordeste. Entretanto, a seca e a miséria precisam ser desnaturalizadas e mais “humanizadas” enquanto análises, refletindo criações de um modelo econômico e, sobretudo político que maltrata.

Outro contexto usado para justificar o Nordeste reside na ideia de que esta região possui uma cultura única e própria. Cultura fortemente ligada à semiaridez. Ranços mantidos desde a época do coronelismo e dos cangaceiros. Região sempre vista como rural, com imagem desértica, de um povo sofrido. Brasil nordestino de homens fortes e mulheres sérias. Imaginário que foi erroneamente refletido nacionalmente. Dentro das mentes brasileiras ficou uma imagem de Nordeste estereotipada. Pensar Nordeste seria o mesmo que pensar seca, visualizar pobreza, é como se estas palavras tivessem se tornado sinônimo. O cidadão nordestino há muito é ridicularizado, sendo motivo de chacota – pessoa baixa, cabeça-chata, quase sempre feio, corpo degradado, fala errado, baiano etc. No entanto, fica esquecida a diversidade étnica e cultural da região (como qualquer outra).

Numa primeira impressão, devido em parte ao semiárido, o Nordeste é sempre tratado como uma área que ficou no passado. Porém, isto não é real! As evidências comprovam que o Nordeste se modernizou, a indústria só tem crescido, as exportações aumentaram. A iniciativa estatal implantou politicas de incentivo ao turismo, há anos tratado como uma grande fatia econômica. As cidades regionais ganharam força. O próprio Nordeste precisa superar essa ideia determinista de se enxergar. A cultura do Nordeste é de massas, como em qualquer lugar, há muito deixou de ser totalmente rural, salvaguardando suas particularidades. Não se pode mais aceitar as serventias. O Nordeste e sua população têm direito a mudanças.

Além da seca em si, não podemos nos esquecer da “seca política”; a seca de decisões que poderiam a vir a construir um quadro diferente. O nordestino não pode se contentar com ajudas de programas governamentais e sim lutar por condições dignas de trabalho. Assim, deve-se problematizar o passado, se encontrar no presente e avistar melhorias no futuro.

*Sobre a Sociologia*:

O filme retrata uma distribuição de renda falha. Mostra que o analfabetismo é uma “praga” que ainda resiste, refletindo a falta de lazer para boa parte dos jovens, alguns inclusive que ainda têm que trabalhar enquanto poderiam “está fazendo nada” (estudar no dizer do filme).

No tocante à política, vale destacar que o fenômeno representado é, sobretudo, social, fazendo com que pensemos bem quem vamos eleger nas próximas eleições, se posicionando contra toda e qualquer forma de corrupção social. É preciso que se questione o porquê se mantém um quadro de miséria social tão grande. Construir um exame social é também buscar saber quais interesses correm por trás disso[7]!.

*Sobre a Filosofia*:

A curiosidade de conhecer a realidade é um exercício expressivo. É relevante vender a ideia da não aceitação da situação problemática como algo natural. Deve-se ter respeito à cidadania. Aceitação da mudança em nome da justiça social. Contentamo-nos ou nos acomodamos? Qual é a tônica de nossas vidas?

Acreditando num viés humanístico, podemos pensar que um dia o sonho possa se tornar realidade. Uma realidade individualista, mas, sobretudo, coletiva, de um povo, de uma comunidade.

Mesmo sabendo das suas possibilidades, com certeza, Márcio Ramos não produziu *Vida* *Maria* com a preocupação primeira de leva-lo para sala de aula. No entanto, este é um rico material didático. Contribui para desembocar muitas aprendizagens e ensinamentos. Cada professor, na verdade, de acordo com sua realidade saberá quais direções pode dar às discussões. Saberá, no ato de seu planejamento, quais complementos poderá usar. O aluno também carece ter voz e deve ser ouvido. E, obviamente, as indicações que fizemos para o trabalho com o curta em tela pode ser canalizado, com as reais adaptações, para outros filmes. Diversos espaços podem ser analisados a partir dos filmes. O que não pode faltar nunca é a associação com os conteúdos e as discussões *sobre*.

**PARA NÃO DIZER “*THE END*”...**

Levando em consideração a amplitude e as mais variadas possibilidades de análise que germinam da relação entre Cinema e Geografia, *para não dizer the end* expressa o nosso entendimento sobre o quanto os estudiosos da Geografia [e de outras ciências!] precisam (re)aprender a realizar leituras sobre as geografias dos filmes. E como numa construção individual e coletiva, será estudando, pesquisando, experimentando, errando como também acertando, ensinando, que poderá o professor de Geografia obter aprendizagens significativas neste sentido, tornando sua prática cada vez mais afeita à construção cidadã e libertária de seus alunos.

Vale reforçar que o Cinema não é a realidade. É, pois, uma retratação figurativa. Geograficamente falando não substitui mesmo a ida ao campo. Longe disso! No entanto, ajuda muito no ato de se estudar Geografia e compreender o mundo.

**NOTAS:**

1. Assim como no uso do termo Geografia, usamos o termo Cinema começando com letra maiúscula no sentido de destacar os dois maiores núcleos de discussão deste texto. Cumpre salientar também que, no âmbito escolar, entendemos o Cinema como o espaço, momento, seja sala de aula ou outro, organizado para a reprodução de filmes.
2. “O cinema é conhecido como a sétima arte porque, além de suas características peculiares, associa elementos da literatura, da música, da arquitetura, das artes cênicas. Ao tratarmos de recepção, leitura e interpretação de filmes, é importante lembrarmos que esses são textos, tecidos com diversos elementos visuais, verbais, sonoros, arranjados com técnicas específicas. Portanto, os objetos fílmicos devem ser lidos e analisados a partir de suas especificidades, o que nos conduz à necessidade de conhecermos os elementos da arte cinematográfica” (THIEL; THIEL, 2009, p.16).
3. Ver *aprender a conhecer*, *aprender a aprender*, *aprender a fazer* e *aprender a conviver* em “Aprender para o Século XXI” (MORIN, 2000). Vale destacar aqui a paixão de Edgar Morin pelo Cinema, instrumento que também acredita possuir uma dotação pedagógica acentuada.
4. Ver *CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). Cinema, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.*
5. Assim como José, Maria é um nome sugestivo aos católicos por conta da referência religiosa direcionada à Nossa Senhora (Mãe de Jesus). No Nordeste brasileiro, é comum encontrarmos diversas “Marias”.
6. O Projeto foi realizado em 2010, tendo como orientadores os professores José Arilson Souza e Luzirene Lima, os quais registram seus agradecimentos aos alunos-monitores pelo empenho e momentos de partilha e aprendizagens mútuas.
7. Para complementar os arranjos didáticos da aula, o professor pode levar para sala a música e letra da canção que chama *Súplica* *Cearense*, de composição de Luiz Gonzaga, que denuncia o quanto os interesses políticos preocupam e interferem no quadro social, deixando as pessoas e os lugares sofrendo com o atraso, vivendo de forma não digna. Recentemente a banda carioca Orappa regravou está canção e no seu site pode ser encontrado um vídeo de um clipe bastante interessante. Ver endereço: [www.orappa.com.br](http://www.orappa.com.br)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AITKEN, Stuart C.; ZONN, Leo E. Representando o lugar pastiche. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e Cinema. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

CABRERA, Julio. **O Cinema pensa**: uma introdução à Filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Universo das artes. São Paulo: Ática, 2001.

GEIGER, Pedro P. Ciência, arte e a geografia no cinema de David Lynch. GEOUSP - **Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 15, pp. 11-18, 2004.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia da

modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

NEVES, Alexandre Aldo; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Cinema e geografia: em busca de aproximações. **Espaço Plural**, UNIOESTE-PR, ano VIII, nº 16, p.75-78, 2007.

PROGRAMA CINE-EDUCAÇÃO. **Cinemateca Brasileira**. Material de Apoio Pedagógico Castelo Rá-Tim-Bum. São Paulo: Mapfre; 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Cinema na Escola**. Tecnologia Audiovisual. Maio, 2010.

SANCHO, Juana María. **Tecnologias para transformar a educação**. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. **Mundo das ideias**: *movie takes*, a magia do cinema na sala de aula. Curitiba: Aymará, 2009.